

## A UTOPIA FRANCISCANA **Francisco de Assis, o Cavaleiro sem Espada**

Philippe Walter\*

**Résumé:** A travers son oeuvre de prédicateur itinérant autant que par l'exemple de sa vie, saint François d'Assise (1182-1226) incarne une étape capitale du christianisme médiéval. Il y introduit l'utopie terrestre en prônant un mode de vie quotidien affranchi des contraintes sociales et économiques de son temps et de sa ville natale d'Assise (où règnent la bourgeoisie marchande et le culte de l'argent). Son idéal de vie s'inspire de celui des chevaliers errants (Perceval, Lancelot) des romans médiévaux qu'il connaissait fort bien car il était un grand amateur de littérature française (c'est la raison pour laquelle il changea son prénom de Jean en celui de François, «le Français»). A cette aspiration chevaleresque, il rajoute un profond idéalisme religieux. Il sera un chevalier du Christ, ignorant délibérément toute contrainte matérielle (celle de la propriété privée par exemple) et prônant la non-violence (pour convertir les Infidèles pendant la Croisade). Cette pensée, subversive à plus d'un titre, ne parviendra jamais à s'imposer totalement du vivant de François, témoignant ainsi de sa visée profondément utopiste. Mais elle inspirera plus tard de nombreuses idéologies égalitaristes (anarchistes et «communistes») ainsi que des mouvements utopiques qui, après le Moyen Age, en garderont bien des composantes tout en faisant disparaître toute référence à Dieu.

**Resumo:** Tanto através da sua obra de pregador ambulante quanto pelo exemplo da vida que levava, São Francisco de Assis (1182-1226) personifica uma etapa de particular importância na evolução do cristianismo medieval, no qual ele introduz a utopia terrena que valoriza um modo de vida liberto das peias da hierarquia social e da ordem econômica vigente, bem perceptíveis na época em que lhe coubera viver e no ambiente que reinava na sua cidade natal de Assis, onde a burguesia mercantilista exercia o mando e onde imperava o culto do dinheiro. O seu ideal existencial inspira-se no dos cavaleiros andantes (Perceval, Lancelot), protagonistas dos romances medievais que Francisco conhecia perfeitamente, sendo um admirador fervoroso de literatura francesa (por essa razão, aliás, mudou o seu nome de origem, recebido na pia batismal: João, preferindo que lhe chamassem Francisco ou seja «o francês»). Àquela aspiração cavaleiresca acrescenta um profundo idealismo religioso. Assim, tornar-se-á num cavaleiro de Cristo, ignorando deliberadamente qualquer dependência material (a da propriedade, por exemplo) e pregando a não violência (a fim de serem convertidos os Infieis, na altura da Cruzada). Este pensamento, subversivo, por diversas razões, nunca chegará a impor-se totalmente na vida de Francisco, revelando dessa forma o seu alcance utopista. Mas este haverá de inspirar mais tarde numerosas ideologias igualitaristas (anarquistas e —comunistas), bem como movimentos utópicos que, depois de acabada a Idade Média, irão conservar várias componentes do ideário franciscano, embora apagando toda e qualquer referência a Deus.

Assis, ou seja, o burgo italiano do mesmo nome é uma cidadezinha medieval, situada no centro da Península Apenina, que viajando de trem o turista descobre meio

---

\* Professor titular de literatura francesa da Université Stendhal Grenoble 3 e diretor do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário – CRI. E-mail: philippe.walter@u-grenoble3.fr

escondida na encosta de uma colina, incrustada entre as faldas rochosas. Estamos no coração da Itália profunda, onde veio ao mundo um dos mais ilustres dos seus filhos e o maior dos santos do século XIII. Para compreender a história deste homem do Duzentos, Francisco de Assis, que vai tornar-se um santo da Igreja católica, convém partirmos do contexto da época que o vira nascer, o da Itália das comunas ou seja das cidades emancipadas do feudalismo e administradas de maneira autônoma pela burguesia comerciante enriquecida que tinha nas suas mãos o poder local e tentava fundar um novo modelo de sociedade, baseado no comércio e no dinheiro. Tentaremos aqui uma explicação inspirada do método de aproximação durandiano. Gilbert Durand, fundador da Escola de Grenoble, explica-nos que o ser humano não é unicamente um ser racional. Antes pelo contrário, o homem seria moldado pelos seus próprios sonhos que vai tentar encarnar durante a sua existência. Muito mais vezes do que podemos pensar, o homem obedece aos modelos idealizados e constrói a sua vida, por assim dizer, enxertando-a na vida dos heróis que tinham marcado o seu psiquismo. Veja-se, por exemplo, quantos cientistas modernos confessaram ter sentido disparar neles, de repente, uma ideia ou uma vocação que iria transformar suas vidas por completo, depois de terem lido um romance de Julio Verne. Assim, a partir de um conjunto do imaginário medieval Francisco de Assis desposara e encarnara as aspirações populares do seu tempo. Este mesmo imaginário assenta sobre alguns mitos fundamentais que vão confluír na sua obra, encaminhando a espiritualidade franciscana para uma autêntica utopia.

### **Um jovem revoltado**

Francisco de Assis nascera em 1182, no seio de uma abastada família de mercadores, que lhe dera uma educação convencional, preparando-o para enfrentar a vida adulta, inclusive em matéria de religião. No entanto, o jovem Francisco começa a dar-se conta da existência de um profundo fosso entre uma sociedade fracionada, dividida em estratos e instável, em que impera o culto do dinheiro, e um culto cristão coevo, enclaustrado numa espécie de formalismo, vindo de um passado remoto. Interroga-se por isso: o que pode compreender da missa rezada em latim um humilde camponês que desconhece esta língua vernácula? O que ele poderá entender da palavra de Deus que lhe é transmitida numa língua desconhecida? E os sonhos começarão a revelar a Francisco o seu caminho espiritual. Com efeito o nosso jovem assiste a uma

aparição de Cristo e um crucifixo irá falar-lhe: —Francisco vai e conserta-me a casa que está em ruínas O jovem estremece, sentindo uma angústia frente ao mundo em via de descristianização. E este filho de família remediada vai cortar os laços que o unem ao seu meio social de origem. Vai rejeitar o mundo —burguês (mercantil) em que o sucesso equivale a muito dinheiro ganho e acumulado, e também o dinheiro que lhe está sendo oferecido pelo seu progenitor. Aos 25 anos de idade, Francisco aplica no sentido lato o princípio evangélico; deixa a sua família e todo o conforto que esta última lhe proporciona. Resolve tornar-se um pregador ambulante, submetendo-se imediatamente ao estado de pobreza natural a fim de alcançar a liberdade de pregar a palavra de Deus.

Francisco exalta o espírito de pobreza, tirado dos Evangelhos, e logo atrai a si alguns seguidores, futuros companheiros que se organizam em confraria. Francisco vai chamar-lhes de —frades menores, apelido que pode ser visto como um sinal de humildade. Os frades menores parecem-se um pouco com os goliardos<sup>1</sup> aqueles —egressos da ordem constrangedora da sociedade medieval, aqueles —hippies da centúria dos Duzentos, que através do seu modo de estarem na vida criticavam a sociedade estabelecida. Francisco e os seus companheiros deambulavam pela Itália, pedindo esmolas a cantar louvores a Deus. Ao mesmo tempo, vão solicitar um apoio ao papa, ao Sumo Pontífice da Igreja que se encontra em crise e procura promover uma impossível reforma interna. O papado identifica num instante a pechincha que se lhe oferece, daí procurará utilizar em proveito e benefício dele próprio aquela nova força espiritual que representam os frades menores, cuja instituição será aprovada oficiosamente pelo papa Inocêncio III (aquele que também aprovará a Santa Inquisição). Simultaneamente os adeptos se multiplicam e a ordem franciscana ganha importância e visibilidade, escapando à fiscalização do seu fundador. Um verdadeiro êxito popular acompanha aquela comunidade de um novo gênero e estilo, cujos membros não vivem na clausura monástica, mas, sim, ao meio da sociedade, dos laicos, com quem partilham a existência.

A regra definitiva da Ordem é aprovada pelo papa Honório III, no dia 29 de novembro de 1223. O papado conseguiu transformar a fraternidade franciscana em uma ordem monástica, o que não correspondia ao objetivo inicial de Francisco, que rejeitava a ideia de qualquer comunidade sedentária. Francisco não era monge, era um leigo que se recusava a reconhecer o princípio de —desprezo pelo mundo circundante, tal como o entendia os monges regrantes. Para ele, não era preciso fugir do mundo, mas, sim era preciso fazer-lhe frente para evangelizá-lo. Três anos depois, no seu *Testamento*,

Francisco deixa transparecer o sentimento de que a sua fraternidade/confraria lhe tenha escapado e lamenta o desvio do ideal da sua ordem num tom algo angustiado.

### **A pobreza voluntária**

A pobreza torna-se numa questão escaldante no século XIII. O historiador Jacques Le Goff ressalta o papel das cidades emancipadas naquela evolução, devida à burguesia muito ativa e empreendedora que começa a concorrer, pela riqueza acumulada, o poder dos príncipes laicos e da Igreja. Em alguns romances dos finais do século XII já se anuncia o referido antagonismo de classe, à beira da revolta. Aliás, Francisco de Assis já presenciara na Itália do seu tempo alguns desses motins e sedições populares. No *Conto do Santo Graal* (v.5827 sq), Chrétien de Troyes descreve o assalto enfurecido da comuna burguesa vizinha contra o nobre cavaleiro Gauvain. O assalto é conduzido pelo cônsul ou síndico da comuna, assessoriado pelos almotacés<sup>2</sup>, seguidos por uma massa compacta de burgueses, por sinal, —corpulentos e gordos, empunhando armas diversas improvisadas. Este ajuntamento humano vai ser apodado pelo cavaleiro nobre de —canzoada enraivecida e de —servos amaldiçoados. O comentário condiz com a mentalidade da época, pois a Idade Média não gosta nada do espírito alevantado e revoltoso, admitindo que fora Deus em pessoa quem instaurara a ordem social vigente com 3 estados bem distintos (*bellatori, laboratori e oratori*), o qual sob pretexto algum devia ser mudado.

O romancista Chrétien mostra depois o cavaleiro Gauvain a passear pela cidade, parando nas praças, para admirar bancas de cambistas, abarrotadas de moedas de ouro e de prata, e as corporações em plena laboração nas lojas e oficinas: mesterais<sup>3</sup> fabricando elmos, capacetes e armaduras; alfagemes<sup>4</sup>, seleiros, tecelões, calandeiros-pisoeiros, mestres de fundição, joalheiros e ourives, peliceiros, vendedores de especiarias, grangeiros, comerciantes de secos e molhados e de outras mercadorias; uma profusão inimaginável de coisas postas à venda (*Conto do Santo Graal* – v.5758 sq). Sob a condição de que os burgueses permaneçam no seu papel de artesãos e comerciantes, quietos e alheios a quaisquer agitações sociais e motins contra o senhor feudal, os vilões da cidade merecem o epíteto de —bons obreiros, entrando na composição de uma —linda sociedade.

Mas no século XIII, a pobreza torna-se um problema premente porque o dinheiro ganha cada vez mais importância. Nas sociedades que viviam em autarquia<sup>5</sup> a penúria

era crônica e era possível viver sem dinheiro algum, pois não havia nada para vender ou comprar, mas na sociedade mercantil, era impossível ignorar o dinheiro. Na Regra Franciscana de 1221, Francisco de Assis declara: —Não havemos de atribuir mais utilidade ao dinheiro e às moedas do que atribuímos ao pedregulho. O exemplo franciscano não era isolado ou único. No século XIII, a seita dos Valdenses, fundada por um rico mercador lionês de nome Valdo, – que repartira os próprios bens entre os pobres e saíra de casa para pregar – também rejeitava as instituições eclesiásticas e levava uma vida pobre, mas ativa através da prática da caridade.

Com a rejeição da propriedade privada, Francisco manifesta o desprezo voltado aos bens materiais. O frade menor mora em qualquer parte e nenhures, ele é um vagabundo que se recusa à vida sedentária, pois a sua missão é pregar em todos os lugares. Daí não precisa de casa para nela se instalar definitivamente; promove um ideal de vida fraterna em comunidade, onde tudo deve ser dividido com o próximo; onde cada um recebe de acordo com as suas necessidades e nunca mais de que realmente precisava. A igualdade entre os seres só se pode revelar neste mesmo estado de despojamento aceite de livre vontade. O homem nasce nu e há-de morrer sem poder levar consigo nada dos bens que tenha acumulado durante a vida terrena. Portanto, as riquezas materiais não passam de ilusórias. Assim, para Francisco, a pobreza vira um valor evangélico. Defendendo a pobreza, Francisco reage contra o luxo desmedido dos prelados que vivem à custa da indigência do povo crente. Todo o dinheiro acumulado foi roubado de outrem.

Podemos perguntar, donde vinha aquela recusa obstinada do dinheiro? Da manifesta recusa do modo de vida burguês por parte de Francisco, que o tinha conhecido bem através da sua própria família e também nos mosteiros e nas abadias dos arredores da sua vila natal, onde uma das abadias até se lhe afigurou como uma residência de luxo. E curiosamente, apesar de ter nascido plebeu, Francisco antes abraça uma ideologia do tipo aristocrático, onde o dinheiro podia ser um meio, mas nunca constituía um fim, um instrumento e não um ideal. A ideologia aristocrática privilegia as virtudes inatas por nascença e não as conquistas devidas ao trabalho – a nobreza sendo uma classe ociosa. A única ocupação do pregador ambulante é a pregação e nunca o trabalho braçal. Francisco foi influenciado pela cultura cavaleiresca francesa e cortês. Na realidade, na pia batismal, ele recebera o nome de João (Giovanni), mas depois adotara o nome de Francisco por afiliação da sua pessoa e por referência à cultura francesa. No entanto, a cultura cavaleiresca cortês assentava precisamente na

recusa obstinada do valor do dinheiro. No seu —*Cavaleiro do Leão* (1177-1181), Chrétien de Troyes mostra-nos o cavaleiro Yvain libertando trezentas donzelas escravas de um desempenho laboral aviltante – eram obrigadas a tecer durante todo o dia, na oficina que pertencia a um senhor violento que as explorava, mediante uma jorna (remuneração) ridícula que de modo recompensava o labor. Delas, Yvain põe cobro àquela exploração e à escravidão. Tal como Yvain ou outros cavaleiros, Francisco sonha com a reorganização do mundo, desejando acabar com as guerras e com a miséria dos homens. Percebe que o dinheiro corrompe as relações humanas, desenvolve o egoísmo e destrói os autênticos valores de heroísmo e de coragem. E também sonha com as proezas guerreiras. Assim vai participar na quinta Cruzada (1217-1221) no Egito, onde encontra o adversário dos Cristãos na pessoa do Sultão egípcio. E espera em vão que este se deixe converter. Nas duas regras por ele redigidas, Francisco dirige-se aos seus irmãos em Cristo, mandando-lhes que vão ao encontro dos Infiéis para convertê-los pacificamente. E também o modo de vida por ele apregoado é antes de qualquer coisa o das obras romanesecas dos séculos XII e XIII: o do cavaleiro andante, mas um cavaleiro sem espada, cuja arma mestra é a fé.

Francisco vem ao mundo no momento exato em que Chrétien de Troyes escreve o *Conto do Santo Graal*. Nesta obra, o herói Perceval, depois de ter encontrado o graal e a lança que sangra, vai parar junto a um eremita que, na Sexta-Feira Santa, irá explicar-lhe o sentido da sua existência à luz da Paixão de Cristo. Obviamente, Chrétien de Troyes nunca aludira a Francisco de Assis, nem ao ideal por ele levado, mas ficamos impressionados ao verificarmos o paralelismo entre as aspirações espirituais de Perceval e as de Francisco. Em ambos os casos, o modelo do cavaleiro heróico tende a ser ultrapassado. Perceval é o mais valoroso cavaleiro do mundo, já tendo dado todas as provas disso, mas anda em busca de um novo sentido para a sua vida, que deixou de residir numa proeza constantemente renovada e gratuita. O graal mostrar-lhe-á um outro caminho. No que diz respeito a Francisco, mesmo que por um tempo este tenha consentido em abraçar a carreira das armas, logo se sente incapaz de tornar-se um guerreiro, porém vai conservar nele o espírito cavaleiresco como modelo de vida. Será portanto um cavaleiro da fé.

A fraternidade franciscana Desde a mocidade, Francisco incomodou-se com o arcaísmo da Igreja oficial. Em matéria de moral, a Igreja contentava-se com um apelar algo brutal ao respeito das imposições do decálogo, onde a moral cristã se definia negativamente:

- não matarás,
- não roubarás
- não cometerás adultério, etc.

Para fazer respeitar a sua doutrina, a Igreja ameaçava os crentes com os castigos reservados aos pecadores após a morte. Assim, a partir do século 12, instaura-se uma verdadeira pastoral do medo. Naquela mesma época circulam no Velho Continente as narrativas sobre as viagens rumo ao mundo do Além, como o célebre Purgatório de São Patrick. Uma personagem ilustre ou o próprio Patrick tem uma oportunidade de penetrar vivo no Inferno. Assim vai poder testemunhar dos castigos a que assistira, castigos reservados aos pecadores falecidos. E esta testemunha regressa à terra para contar aos viventes as horríveis torturas às quais estão submetidos os pecadores inveterados. A moralidade deste relato propaga um verdadeiro terrorismo intelectual. E a Santa Inquisição logo saberá inspirar-se daquelas sevícias infligidas pelos demônios do inferno para levar a cabo os interrogatórios a que sujeita os supostos heréticos e também para tornar ainda mais presente na mente dos crentes a ameaça da condenação iminente dos pecadores. O modo de proceder de Francisco é diferente. Este interroga-se sem cessar nos seus escritos sobre —como viver juntos? A maioria dos seus escritos contém regras monásticas para o uso dos seus irmãos em Cristo, definindo uma linha de conduta para cada dia, os direitos e os deveres do Cristão para com Deus e para com o Próximo. Francisco pratica uma leitura «social» do Evangelho, privilegiando extratos que correspondem à sua própria utopia. Sublinha a dimensão moral e social das Sagradas Escrituras, apontando para tudo o que possa remeter às realidades materiais da vida quotidiana. Fundamentos do pensamento franciscano:

- a oposição entre o rico e o pobre, porém não se trata de um conflito, mas, sim, duma dialética de subversão expressa nas beatitudes, que ele reescreve à moda dele. O rico pode ser um pobre que tiver renunciado aos bens materiais para se dedicar à conquista dos bens espirituais;
- Francisco pretende reorganizar a sociedade, sobre alicerces outros que não os do dinheiro. Para tal efeito, mobiliza a antiga representação da Idade Áurea em que o ouro não existia. Também vai ao encontro do mito do Paraíso Perdido, ainda presente em todo o imaginário medieval.

- Mas as contradições dos franciscanos em relação ao espírito de pobreza aparecerão desde o início da ordem. No crepúsculo da sua existência terrena, no seu Testamento, Francisco lamenta que alguns dos seus irmãos tenham renunciado à pobreza. A utopia de Francisco deixara-se apanhar pelos imperativos da realidade econômica do seu tempo.
- O ideal de fraternidade, apregoado por Francisco, também faz vir à tona as reminiscências da ética cavalheiresca. Por exemplo, os romances do Rei Artur e da Távola Redonda insistem muito sobre os laços de amizade que unem os jovens que fazem parte da mesma fraternidade de armas e que formam uma comunidade unida. Trata-se sempre dos solteiros que às vezes mantêm amizades muito especiais, à beira da homossexualidade vejam-se as relações de Lancelot com o seu companheiro Galehaut, no romance de Lancelot em prosa, datando da centúria dos Duzentos. Houve também suspeitas sobre a ambigüidade existente entre os companheiros de Francisco;
- A questão feminina perpassa o imaginário do movimento franciscano, pois o próprio Francisco, através dos seus estigmas, apresenta sinais de feminilidade. Como as mulheres em geral e como Jesus Cristo, conhece, na sua qualidade de homem, os corrimentos de sangue. Torna-se uma mulher, precisamente no contexto medieval da exclusão do feminino, no seio da Igreja. Entre a Antiguidade tardia decadente e a Alta Idade Média, a religião cristã exclui as mulheres do sacerdócio, colocando-as numa posição minoritária. Mas a revolução desponta no século 13, com Francisco de Assis, celebrando alegorias femininas:

Saúdo-Vos, Ó Rainha da Sabedoria, que o Senhor vos guarde  
Com a vossa Irmã, santa e pura Simplicidade. Senhora Santa  
Pobreza, que o Senhor te guarde Com a tua irmã, santa  
Humildade.

Esta sublimação do feminino pretende celebrar as virtudes da virgindade. Na psicologia de C. G. Jung, a mesma significaria a aceitação da *Anima*, quer dizer da parte feminina que existe em todos os homens. A criação dum movimento franciscano em Assis, encabeçado por Santa Clara, marcará o advento da feminização do religioso, com mais força do que a constituição dos mosteiros de mulheres. As mulheres exprimem através do movimento franciscano o seu desejo de desvendarem os mistérios da fé. Na época de Francisco, — “Deus mudou de sexo, por assim dizer”.

### **O anti-intelectualismo de Francisco**

Até ao século XII, a pregação era um exercício intelectual que consistia na exegese das Sagradas Escrituras. Os sermões de São Bernardo, inspirador do movimento cisterciense, provavelmente nunca foram pronunciados numa igreja, sendo textos eruditos, de sutil raciocínio, onde o autor edifica um pensamento complexo. Trata-se antes dos sermões escritos para serem lidos e não para serem escutados. Pelo contrário, a pregação de Francisco, frade menor ambulante, será anti-intelectual. Não se parecerá em nada com os discursos de alto coturno do século XII, de um Pierre Abélard, um Bernardo de Claraval, dos mestres da Escola de Chartres, adeptos da erudição e de uma ciência forçosamente universalista que ultrapassa os conhecimentos das Escrituras. A arte da lógica e do raciocínio, as curiosidades enciclopédicas seriam, no entanto, marcas escolares da época, entroncando no contexto do renascimento do século 12 que pratica o regresso às fontes latinas da cultura ocidental.

Mas no pensamento de Francisco de Assis, não se encontra nada disso. O frade menor mal domina o latim e escreve dando muitos erros. Os seus escritos penosamente atingem uma escassa centena de páginas, a exposição do seu pensamento parece extremamente simples, como uma paráfrase minimalista dos Evangelhos, antes disso, do que um discurso bem argumentado, conforme as regras da escolástica. Sem nenhuma originalidade intelectual, apenas uma humilde submissão ao texto das Sagradas Escrituras, imitando a mais simples das formulações. Francisco recusa-se aos comentários, que seriam uma expressão da vaidade do comentarista desejoso de se pôr em destaque em detrimento dos textos sagrados. Não manifesta nenhum orgulho intelectual e testemunha da fidelidade a toda a prova ao Evangelho que é o seu livro de referência. Nunca cita o Antigo Testamento e as suas ideias seriam tão pobres como as vestes que usa. A retórica e a lógica querem lhe parecer inúteis – consegue até exprimir-se por gestos. Só o apelo ao coração merece ser ouvido. O Eu é odioso e tem que ceder lugar ao NÓS da fraternidade. E as imagens que temos de São Francisco de Assis (por exemplo, as da basílica de Assis) insistem naquela rusticidade. A mais conhecida será a pregação aos pássaros que remete ao antigo tema mitológico do Homem que fala aos Animais. O modelo mitológico mais conhecido é o de Orfeu que encanta os animais do Inferno com a sua lira, escapando assim da maldição. E há outros modelos para o mesmo tema, à frente dos quais temos São Brás, o bispo armênio festejado no dia 3 de Fevereiro. Na sua inocência, Francisco procura imagens primordiais e arquétipos que

todos possuem no fundo do seu ser. Opondo-se ao cristianismo elitista, ele reata com as formas originais do pensamento simbólico e mítico. O mito pré-ecológico do Paraíso Terrestre caracteriza o espírito franciscano, com uma visão utópica da natureza do Éden, antes do pecado original. Numa das orações suas, Francisco celebra, com muito lirismo, a grandiosidade da Criação Divina. Trata-se do cântico de frade que homenageia o astro do dia, quer dizer o Sol:

Louvado sejas Tu, Senhor, com todas as criaturas,  
Especialmente com Messer frade Sol, Por quem nos dás a  
claridade do dia, a luz, Ele é belo, irradia um grande esplendor E  
de Ti, ó Altíssimo, nos oferece o símbolo.

Também vai celebrar a Lua e as Estrelas, o irmão Vento, a Irmã Água, o irmão Fogo, e a Terra-mãe, e até nossa irmã Morte corporal. Esta confraternização com o Cosmos inteiro visa uma atitude que tende à fusão com a natureza, como no caso de alguns ecologistas contemporâneos.

□ Presenciamos em ambos os casos, uma sacralização da natureza, embora por razões diferentes: para Francisco, a natureza é a obra perfeita do Criador; para os ecologistas ela seria uma alternativa à cultura de alienação que pretende espoliar a natureza das suas riquezas, através duma exploração vergonhosa e mercantil dos recursos do subsolo e do mar, à custa do desmatamento, etc.

□ No século XVIII, Jean-Jacques Rousseau já fizera da natureza um lugar de autenticidade e de verdade, esquecendo que a crueldade e o instinto supremo de sobrevivência fazem também dela um lugar em que se defrontam os fortes e os fracos.

□ A sacralização da natureza significa a rejeição da sociedade e das suas miragens (como o poder do dinheiro). A mesma sacralização tem o seu ancoradouro ideológico seguro na ideologia aristocrática, assente no princípio de boas disposições inatas. Assim, através do seu otimismo perfeito, Francisco pretende reconhecer/conceder a todos os homens e não somente aos nobres bem nascidos, os privilégios daquela bondade natural, apesar do pecado original que pesa sobre toda a humanidade.

- Francisco de Assis parece ter veiculado na sua existência os princípios da ideologia aristocrática para aplicá-los à vida espiritual. O seu imaginário traduz um real fascínio pela ideologia cavalheiresca da cultura cortês por esta concorrência frontalmente o pré-capitalismo da sua época, a constituir uma espécie de cultura de resistência.
  
- A maior parte das suas posições explicam-se através das referências aos alicerces fundadores do seu pensamento. Mas, ao mesmo tempo, Francisco retoma os conceitos vantajosos da ideologia aristocrática, procurando estendê-los a toda a sociedade, despojando-os de qualquer marca de classe. A utopia de Francisco de Assis entrará, inevitavelmente, numa contradição flagrante com a selva social.

### BIBLIOGRAFIA

CHRETIEN DE TROYES, *OEuvres complètes*, Paris, Gallimard, 1994 (Bibliothèque de la Pléiade).

\_\_\_\_\_ *Les écrits de saint François et de sainte Claire d'Assise*, Paris, Editions franciscaines, 2008.

*Saint François d'Assise. Documents (Ecrits et premières biographies)* présentés par D. Vorreux et Th. Desbonnets, Paris, Editions franciscaines, 1981.

BLASUCCI A., Frères Mineurs. *Dictionnaire de spiritualité*, T. 5, col. 1316-1339, Paris, Letouzey.

BRETON V., *La spiritualité franciscaine*, Paris, 1948.

CHENIQUE F., *Simbolismo del Cantico delle creature. La spiritualita cosmica di San Francesco d'Assisi*, Milano, CENS, 1985.

DALARUN J., *Refus du pouvoir et exercice du gouvernement dans l'Ordre des frères mineurs*, Arles, Actes Sud, 1998.

DALARUN J., *François d'Assise ou le pouvoir en question. Principes et modalités du gouvernement dans l'ordre des frères mineurs*, Paris et Bruxelles, de Boeck, 1999.

DALARUN J., Dieu changea de sexe pour ainsi dire. *La religion faite femme XIe-XVe siècle*, Paris, Fayard, 2008.

DUBY G., *Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme*, Paris, Hachette, 1978

GARZENA C., *Terra fidelis manet : « Cantico di frate sole »*, Firenze, Olschki, 1997.

GRATIEN DE PARIS, *Saint François d'Assise. Sa personnalité, sa spiritualité*, Paris, 1928.

- GRATIEN DE PARIS, *Histoire de la fondation et de l'évolution de l'ordre des frères mineurs au XIIIe siècle*, Rome, Istituto storico dei Cappuccini, 1982.
- KÖHLER E., *L'aventure chevaleresque. Idéal et réalité dans le roman courtois*, Paris, Gallimard, 1974.
- LECLERC E. *Sagesse d'un Pauvre*, Paris, Editions franciscaines, 1959.
- LE GOFF J., *La naissance du Purgatoire*, Paris, Gallimard, 1981.
- LE GOFF J., *La bourse et la vie. Economie et religion au Moyen Age*, Paris, Hachette, 1986.
- LE GOFF J., *Saint François d'Assise*, Paris, Gallimard, 1999.
- LE GOFF J., *Marchands et banquiers au Moyen Age*, Paris, PUF, 2000.
- MATHIEU L., *Approche franciscaine du mystère chrétien*, Paris, Editions franciscaines, 1999. MOLLA M., (sous la direction de) *Etudes sur l'histoire de la pauvreté (Moyen Age XIIIe siècle)*, Paris, Publications de la Sorbonne, 1974, 2 vol.
- MOTTU H., *Saint François d'Assise et l'Evangile*, Genève, Beck et Brun, 1904. *La Poverta del secolo XIII, Francesco d'Assisi*, ouvrage collectif, Assise, Societa internazionale di studi francescani, 1975.
- RENOUARD Y., *Les hommes d'affaires italiens au Moyen Age*, Paris, 1968.
- SAPORI A., *Le marchand italien au Moyen Age*, Paris, 1952.
- La spiritualité de François d'Assise*, par les auteurs d'*Evangile aujourd'hui*, Paris, Editions franciscaines, 1991. WALTER Ph., *La mémoire du temps*, Paris, Champion, 1990. WILLIBRORD, La signification sociale du franciscanisme naissant, *Etudes franciscaines*, XV, n° 35, 1965.

## Notas

<sup>1</sup> Na Idade Média, clérigos pobres, egressos das Universidades, desamparados pela Igreja, de espírito transgressor e provocativo, que se tornavam itinerantes

<sup>2</sup> Oficial encarregado da fiscalização dos pesos e taxaço dos preços dos alimentos e de regular a distribuição dos mesmos.

<sup>3</sup> Designa um grupo de artesãos ligados entre si por certa postura corporativista, profissional e organizados, dentro de trabalhos mecanizados, artesanais.

<sup>4</sup> Barbeiros fabricantes e consertadores de armas brancas.

<sup>5</sup> Autarquia é uma sociedade que se basta a si própria em termos econômicos. Tem implícita a ideia de que um país deve produzir tudo aquilo de que necessita para consumir, não ficando dependente das importações.